

## Instituto Camões cria três pólos de coordenação na Ásia

PÁGINA 2

**Colóquio**  
**«Imagem  
de marca»**  
para  
português  
e culturas  
da CPLP

PÁGINA 3

**Cabo Verde**  
**Pólo do  
Mindelo**  
vai ter  
novas  
instalações

PÁGINA 3

**Exposição de  
Jordi Burch e  
Ondjaki**  
Périplo por  
Angola em  
Paz

PÁGINA 4

**Reino  
Unido:**  
Centro  
de Estudos  
no King's  
College

PÁGINA 4

**Prémio  
'Matilde  
Rosa  
Araújo'**  
para  
o tenor  
**Mário Alves**

PÁGINA 4



Consulado-Geral de Portugal em Macau

# Instituto Camões cria três pólos de coordenação na Ásia

IPOR estende acção a toda a China, ASEAN, Japão e Coreia do Sul



❖ O Instituto Português do Oriente (IPOR), com sede em Macau, vai coordenar a política cultural e da língua de Portugal na China e em duas regiões adjacentes, constituídas pelos países da Associação das Nações do Sudeste Asiático (ASEAN) e pelo binómio Japão/Coreia do Sul.

A intenção está expressa num documento de orientação estratégica do Instituto Camões (IC), apresentado pelo Presidente do IC, Ana Paula Laborinho, na Assembleia-geral do IPOR, realizada a 12 de Julho na Região Administrativa Especial de Macau (RAEM).

O documento define para toda a Ásia três «pontos de coordenação, que têm, como pólos irradiadores, dialogantes e articulados», as posições da rede do IC em Timor-Leste, na Índia e na China.

A escolha destes dois últimos pólos é explicada pela «crescente afirmação da Índia e da China como gigantes económicos que apostam em I&D», o que justifica a sua eleição como objectivo prioritário de uma política cultural externa na região, à semelhança, aliás, como é dito no documento, do que fizeram países como a Espanha, «que em 2000 elegeu a Ásia como objectivo de política cultural externa para a década».

A opção por coordenações

regionais para a execução de uma política cultural, «a partir de pontos existentes e, desejavelmente, articulados entre si», é, no dizer do documento, resultado da extensão geográfica da zona do globo em causa, mas também da «identificação de problemas comuns ou afins».

Quanto ao IPOR, o documento de orientação estratégica diz ser «entender do Instituto Camões que a acção externa nos domínios da língua e da cultura portuguesas ganhariam com a reutilização do modelo» que esteve na sua origem, não só pela distância de Portugal, mas também pelo «aproveitamento das sinergias assentes em proximidades culturais e, sobretudo, em condições materiais e simbólicas instituídas em Macau».

Historiando a evolução institucional do IPOR, em que o IC detém uma posição maioritária (51%), sendo o restante capital pertença da Fundação Oriente (44%) e de um conjunto de empresas portuguesas, o documento afirma que, «com a reformulação dos estatutos ocorrida em Maio de 2009», aquele instituto «restringiu a sua actuação a Macau e apenas ao domínio da língua», passando o Estado Português, através do IC, a «assegurar sozinho os encargos financeiros relativos às estruturas existentes

nos países do Sudeste Asiático, China, Coreia do Sul e Japão, antes partilhados».

Ora, no entender do IC, com essa mudança não foi encontrado «um modelo que pudesse beneficiar da posição estratégica do IPOR, bem como dos seus recursos humanos e materiais (ocupa um piso do edifício do Consulado-Geral de Portugal em Macau e é detentor do espaço onde está instalada a Livraria Portuguesa)».

Acresce, segundo o documento, «a crescente importância que Macau vem adquirindo como plataforma regional de diálogo com os espaços da lusofonia», em consonância com as directivas do governo central chinês, o que pode fazer beneficiar «o IPOR, ou idêntico modelo», da «cooperação com instituições locais» de Macau – onde o português é língua oficial até 2049 – na formação de professores, na oferta de cursos extracurriculares e para fins específicos e na promoção de actividades culturais complementares do ensino da língua, «potenciando os meios materiais e humanos actualmente subaproveitados».

O modelo representado pelo IPOR é também apontado no documento como podendo «consolidar uma filosofia de parcerias público-privadas e de

articulação entre interesses económicos e culturais», sem que o Estado português prescindia do seu papel de orientação.

Ainda relativamente à China e a Macau, o documento destaca que o aumento da procura do português foi consequência das orientações dadas às universidades para introduzirem nos seus planos de estudos pelo menos duas opções de língua estrangeira. Actualmente, refere-se, «existem seis leitorados e docência de português em pontos estratégicos (Beijing [Pequim], Tianjin, Xangai, Hua Qiao, Chengdu, Cantão, Hong Kong)», resultando alguns cursos de protocolos com universidades portuguesas, «o que deve ser incentivado».

O documento avança, seguidamente, para, aproveitando a «condição de Macau como plataforma regional para uma política cultural externa», lhe agregar duas outras grandes regiões: os países da ASEAN, «onde desenvolvemos acção cultural (Indonésia, Malásia, Singapura, Tailândia, Vietname), mas também aqueles onde pretendemos desenvolver ou retomar essa acção». A segunda área de intervenção engloba a Coreia do Sul e o Japão. A promoção da língua e da cultura portuguesa em cada um dos países destes países é depois analisada com detalhe pelo

documento.

A escolha de Timor-Leste como pólo coordenador de uma região asiática que engloba ainda a Austrália e a Nova Zelândia, estados da Oceânia, decorre, segundo o texto, da sua «condição de país que escolheu o português como língua oficial». «No caso de Timor-Leste, a sua relevância enquanto único país de língua oficial portuguesa na região justifica por si só a condição de pólo de coordenação», frisa-se a dado passo.

Aqui, o principal objectivo será «alcançar uma eficaz coordenação entre todos os actores da cooperação portuguesa no domínio da língua». Uma recomendação é deixada ao Centro Cultural Português/IC de Dili no sentido de «reforçar a sua intervenção utilizando instalações de outras instituições, enquanto não dispõe de um espaço adequado às várias valências que é desejável possuir (Biblioteca, Livraria, Sala de Exposições, Auditório, Centro de Recursos Pedagógicos)».

O documento enumera ainda as razões para aproveitar os recursos portugueses disponíveis em Timor-Leste, com vista a desenvolver uma política de língua na Austrália: a existência de uma comunidade portuguesa estimada em mais 50 mil pessoas e o aumento do interesse pelo português com a independência de Timor-Leste. A resposta a estas solicitações «passa pelo apoio à abertura de cursos de licenciatura em universidades australianas, tendo como principal objectivo a formação de professores e, ainda, o estabelecimento de protocolos com as autoridades australianas para a oferta do português no ensino secundário, no sentido, aliás dos programas locais de promoção do multilinguismo».

O outro pólo estratégico, representado pela Índia, «deriva do reconhecimento da sua dimensão geográfica e crescente importância nos sectores da investigação e das tecnologias», refere o documento de orientação estratégica.

Outro factor é «o particular contexto do Estado de Goa», relativamente ao qual se afirma que nele «tem aumentado o interesse pelo português». Regista-se que, actualmente, a cooperação do IC se restringe às universidades de Nova Deli, Calcutá e Goa, e a cursos esporádicos em Damão e Diu, «sendo a maioria leccionados por professores locais».

O documento aponta a «necessidade de programas de formação e elaboração de materiais didácticos, inclusive no Estado de Goa, onde a Fundação Oriente desenvolve um programa de apoio financeiro às escolas do ensino secundário que oferecem português» e de «uma boa articulação entre o Centro Cultural Português em Nova Deli e o Centro de Língua Portuguesa em Goa, enquanto pontos de uma estratégia irradiadora do português como língua de comunicação internacional na Índia».



## Colóquio em Cabo Verde «Imagem de marca» para português e culturas da CPLP

A integração dos países observadores da CPLP na acção diplomática internacional de promoção da língua portuguesa (LP) e a criação de uma «imagem de marca» para o português e para as culturas da comunidade foram duas das propostas avançadas pela Presidente do Instituto Camões, Ana Paula Laborinho, na intervenção que fez no colóquio *Língua Portuguesa e Diálogo Cultural*, realizado em Cabo Verde, durante a recente visita do Presidente da República, Aníbal Cavaco Silva.

Intervindo no painel *Desafios para a Língua Portuguesa no século XXI*, no último dia do colóquio promovido pela Universidade de Cabo Verde, com o apoio do Instituto Camões, Ana Paula Laborinho apresentou alguns tópicos para o desenvolvimento de um «plano estratégico» multilateral que leve a comunidade internacional a reconhecer o português como «língua global, cujo direito de cidadania, inquestionável, urge ser protegido».

No colóquio, que decorreu no campus de Palmarejo, na cidade da Praia, nos dias 01, 02 e 06 de Julho, visando analisar e discutir temas ligados à literatura, cultura e língua portuguesas, tanto na perspectiva dos desafios do ensino do português no século XXI, como no aspecto da presença e da dinâmica cultural da língua portuguesa em Cabo Verde, participaram professores, escritores e responsáveis políticos de Portugal e Cabo Verde.

A Presidente do IC considerou que, «não sendo o valor da língua um dado fixo», nas razões para a aprendizagem do português como língua de comunicação internacional se deve partir de «uma análise lúcida das condições» que podem determinar o seu prestígio, salientando cinco domínios em que deve ser feita essa verificação, a saber, «a posição do Português como língua de comunicação científica»; o «estado da arte relativamente às terminologias científicas e técnicas» (defendendo Ana Paula Laborinho ser «urgente a sua harmonização no espaço da CPLP»); «a posição real da LP nos centros de poder regionais e continentais», promovendo a «criação de instrumentos de governação e negociação internacional em LP»; o «posicionamento da economia que fala a LP e os conhecimentos linguísticos das empresas estrangeiras que interagem com as empresas» dos países da CPLP (8º lugar no PIB mundial, em 2007); e por último «conhecer e reflectir sobre o estado da arte relativamente



Ana Paula Laborinho

te à prática da diplomacia económica e política em interacção com a diplomacia cultural».

Ana Paula Laborinho focou seguidamente aspectos relacionados com língua e desenvolvimento nos próprios países da CPLP, evocando um estudo segundo o qual «a literacia é um elemento chave e determinante tanto do capital humano como do capital social». Por outro lado, referiu, o conhecimento passou a ter maior importância no mundo do trabalho, devido ao processo de transformação tecnológica, conforme foi reconhecido em 2003 pela OCDE. «Na escolha do futuro, economia, cultura e saber constituirão o motor para o desenvolvimento das pessoas, dos países, das línguas», frisou a Presidente do IC.

A dimensão económica das línguas mereceria ainda uma outra reflexão à Presidente do IC, que chamou a atenção para as vantagens que poderão tirar os países da CPLP de um mundo globalizado, mas em que as trocas se fazem crescentemente dentro de grandes espaços – Europa, América e Ásia. Os «países da CPLP geograficamente distanciados das referidas ‘parcelas’ regionais, poderão integrá-las se considerarmos que o comércio internacional é facilitado por níveis de proximidade linguística». Um mecanismo potenciador de negócios em que colocou o português, e espanhol e outras línguas românicas.

Declarando caber à CPLP através de canais próprios, com destaque para o Instituto Interna-

cional de Língua Portuguesa (IILP), «comprometer todos os Estados membros no desenho e concretização de estratégias comuns para o prestígio da LP como língua global», Ana Paula Laborinho enunciou diversos tópicos ao nível das estratégias.

Advogou, assim, a potenciação da acção conjunta das diplomacias junto das capitais estrangeiras, como já acontece em Berlim, Havana ou Moscovo, propondo que os *clusters* diplomáticos da CPLP «integrem, também, as missões dos países observadores» da comunidade. Ainda junto dos países observadores, em seu entender, deve ser negociada «a integração do português como língua curricular obrigatória nos subsistemas de educação».

Na determinação das prioridades de acção da CPLP, a Presidente do IC afirmou que se devem ter em conta aspectos como as «relações de vizinhança e amizade históricas», «as relações com países terceiros que potenciem a inserção regional da LP» e os «países com diásporas comuns», e considerou que a comunidade deve «afirmar-se como um adjuvante essencial» na criação de cursos universitários de LP e culturas da CPLP, com saídas no ensino, tradução e interpretação e comunicação social, na aprendizagem da LP por parte de cursos especializados (economia, direito, medicina, engenharia, etc.), na introdução curricular do português nos ensinamentos básico e secundário em países terceiros, «incluindo aqueles em que são relevantes as nossas diásporas» e «na certificação conjunta das aprendizagens de LP».

Por último, propôs que, no quadro de «estratégias de sedução e desafio», fosse lançada uma «campanha alicerçada na *Imagem de Marca da Língua Portuguesa e das Culturas CPLP*». «O slogan, a assinatura, a expressão internacionalizada, a par das manifestações criativas e a produção técnico-industrial ou tradicional, as línguas associadas à cultura e à economia, os sentidos humanístico e económico das línguas merecem ser trabalhados, de forma integrada, como *Imagem de Marca*», explicou.

A Presidente do IC referiu-se ainda ao *Plano de Acção para a Promoção, a Difusão e a Projecção da Língua Portuguesa*, aprovado em Março, em Brasília, e concluiu que «no dealbar do séc. XXI, o mundo começa a assumir que o português é uma Língua determinante».



Cidade do Mindelo

## Pólo do Mindelo vai ter novas instalações

A Câmara Municipal de São Vicente, em Cabo Verde, cedeu um terreno «com uma localização privilegiada na zona central» do Mindelo, «no seu centro histórico, no topo norte da Praça D. Luís», para a construção das novas instalações do pólo do Centro Cultural Português/Instituto Camões (CCP/IC) e para serviços diplomáticos de Portugal.

A cedência foi objecto de um protocolo assinado, a 7 de Julho, no Mindelo, entre o município de São Vicente e o Instituto Camões (IC), representado na cerimónia pela sua Presidente, Ana Paula Laborinho.

No documento, que estabelece um prazo de dois anos para o início da construção, afirma-se que o actual espaço do pólo do Mindelo, que se encontra arrendado ao Instituto Nacional de Previdência Social de Cabo Verde, «é manifestamente exíguo», em face da procura de que é alvo pela população da cidade, designadamente estudantil.

A cerimónia da assinatura do protocolo decorreu no âmbito da visita a Cabo Verde do Presidente da República, Aníbal Cavaco Silva, durante a qual teve também lugar a 6 de Julho na Cidade da Praia um Colóquio sobre Língua Portuguesa e Diálogo Cultural, promovido pela Universidade de Cabo Verde, com o apoio do IC, bem como outras manifestações culturais.

Ana Cordeiro, responsável pelo pólo do Mindelo desde

há 23 anos, manifestou a sua «enorme satisfação» pela assinatura do protocolo de cedência do terreno, que tem uma área de 381,51 m<sup>2</sup>. «Tenho recebido muitas mensagens nesse sentido», declarou. O contentamento deve-se tanto à localização das futuras instalações do pólo, «bem no centro histórico da cidade», como pelo facto de se vir a dispor de «melhores e maiores instalações».

«Da nossa parte, saber que podemos disponibilizar todo o nosso acervo (uma parte está encaixotado por falta de espaço) e em melhores condições para os nossos utilizadores, é naturalmente motivo de grande alegria» frisou.

Criado em 1995, o pólo do Mindelo do CCP distingue-se pela sua abertura à cultura cabo-verdiana, tendo «residente» uma das mais importantes companhias de teatro de Cabo Verde, à frente da qual está o encenador português João Branco (filho do músico José Mário Branco).

Cursos de língua portuguesa para estrangeiros, cursos livres em múltiplas áreas do conhecimento e exposições são algumas outras actividades do pólo, dotado de meios audiovisuais e cujo acervo bibliográfico constituiu a primeira biblioteca pública de língua portuguesa no Mindelo, inicialmente virada para os alunos do liceu e mais recentemente para estudantes do ensino superior, que entretanto se desenvolveu no país.

## Reino Unido: Centro de Estudos no King's College

❑ O Instituto Camões e o King's College of London (KCL), uma das principais universidades britânicas, assinaram a 29 de Junho um protocolo de cooperação para a criação de um Centro de Estudos em Língua e Cultura Portuguesa (CELCP). O acordo visa promover o desenvolvimento dos Estudos Portugueses e valorizar o estatuto da língua portuguesa, juntando esforços na organização de actividades, financiamento e logística de instalações.

O protocolo prevê que a universidade britânica crie um espaço físico para o CELCP, que terá uma biblioteca de língua, cultura, história, política, de sociedade portuguesa e de lusofonia e um local de trabalho para o respectivo director. Ao Instituto Camões caberá fornecer o material para a biblioteca, quer livros quer documentos multimédia ou audiovisuais, e suportar o venciamento do director. O centro deverá começar a funcionar em Setembro, coincidindo com a reestruturação do departamento de Estudos Portugueses e Brasileiros da universidade, que se fundiu com o departamento de Estudos Hispânicos e Latino Americanos.

De acordo com Francisco Bethencourt, historiador e antigo director da Biblioteca Nacional de Lisboa, professor da cátedra Charles Boxer no KCL, esta mudança não enfraquece os estudos de temas lusófonos, mas antes vem corrigir uma fragilidade causada pela falta de alunos.

O CELCP, adiantou à Agência Lusa o responsável pela cátedra Charles Boxer, «não vai estar ligado só a um departamento, mas será uma plataforma de projecção da língua e cultura portuguesa na universidade e não só». A ideia é que o centro dinamize eventos e colaborações com outras instituições e organizações em Londres e alargue a acção a outras áreas das ciências sociais. «Não há nada com esta capacidade em Londres», vincou.

## Prémio 'Matilde Rosa Araújo' para o tenor Mário Alves

❑ O tenor Mário Alves foi o vencedor do 'Concurso Lusófono da Trofa - Conto Infantil - Prémio Matilde Rosa Araújo' de 2010, organizado pelo município da Trofa, com o apoio do Instituto Camões (IC). *Amilcar, Consertador de Búzios Calados* arrecadou os 5 mil euros do Prémio com o nome da escritora - entretanto falecida a 6 de Julho, aos 89 anos -, o primeiro que foi tornado extensivo aos países de língua portuguesa, através de uma parceria com o IC. O prémio visa «criar e/ou consolidar hábitos de leitura» e «de escrita», «promover a escrita criativa/valorizar a expressão literária» e «divulgar autores de língua oficial portuguesa». Criado há oito anos, o prémio de conto infantil 'Matilde Rosa Araújo' já teve a participação de mais de 2.000 autores. «Eu ainda não sou um escritor, eu escrevo, somente», foi a resposta de Mário Alves à pergunta sobre como é que se explica que um tenor, com uma carreira musical estabelecida, seja ao mesmo tempo um escritor de literatura infantil. «Desde há muito tempo que, por um motivo ou por outro, escrevo», explica o músico, que completou a licenciatura em Canto no Conservatório Superior de Música de Gaia, na classe da professora Fernanda Correia, continuando depois a sua formação, em Turim, com Elio Battagliai, e Génova, com Gabriella Ravazzi.

O tenor tem-se apresentado em várias produções operáticas, tanto nacionais como estrangeiras. No início de Junho, foi notícia por ter sido um dos intérpretes de O Elixir do Amor, ópera de Domenico Donizetti (1797-1848), que subiu ao palco no Cairo.

Segundo diz, a música não está ausente da sua escrita. «Sinto - apercebo-me pelos comentários de quem lê - que a música está muito presente no meu tipo de escrita». Não tanto na temática, quanto no ritmo da construção do texto. «O facto de lidar muito com repertório musical construído, muitas vezes, sobre textos magníficos, de poesia e de teatro, confere-me uma certo prazer de buscar uma escrita melodicamente equilibrada», declara o vencedor que, das suas leituras recentes, destaca John Fante, Valter Hugo Mãe, Niccolò Ammaniti, Cormac McCarthy e Gonçalo M. Tavares.

Para a sua actividade de escrita têm contribuído os encorajamentos e as «particularidades» da sua actividade - «ensaios longos, em locais sistematicamente diferentes». A leitura e a escrita ocupam-lhe bastante tempo. «Escrevi canções durante muito tempo, especialmente para as 'Vozes da Rádio' - grupo que integrei durante vários anos. A escrita de ficção é posterior. Tenho-me dedicado em particular ao conto, romance e estou também a preparar uma primeira experiência em libretto, para ópera».

Mário Alves foi o vencedor entre os 450 contos concorrentes ao Prémio, recebidos tanto na Câmara da Trofa como nos oito centros culturais do IC e as suas extensões locais nos países de língua portuguesa.

No concurso da Trofa foram também atribuídos prémios no valor de mil euros aos melhores contos de cada um países que não foi contemplado com o galardão. No Brasil, o prémio foi para Maria Alexandra Militão Rodrigues, com o conto *A Menina Palavrinha*, enquanto que a vencedora de Cabo Verde foi Margarida Barnabé Lima Brito Martins, com o conto *O País Dadival*. Amadú Dafé, com *A Candonga das Confusões*, foi o autor premiado na Guiné-Bissau, e Pedro João dos S. Pereira Lopes em Moçambique.

## Exposição de Jordí Burch e Ondjaki Périplo por Angola em paz

❑ A ideia de juntar um escritor angolano e um fotógrafo nascido em Barcelona, mas que vive em Lisboa desde os 5 anos de idade, para exaltar a «amizade» e a «viagem» num périplo pelo interior da Angola em paz partiu de João Pignatelli, conselheiro cultural da Embaixada de Portugal naquele país africano e responsável pelo Centro Cultural Português/Instituto Camões (CCP/IC) de Luanda.

O resultado pode ser visto até de 17 de Agosto na exposição que está patente nas instalações do centro, na capital angolana.

*O Rosto da Viagem - Uma estrada, Dois Olhares* compreende 40 fotografias de Jordí Burch (n. 1979) e textos em prosa e poesia de Ondjaki, de seu nome próprio Ndalu de Almeida (1977), recolhidos no catálogo/livro editado em simultâneo e que fará perdurar a associação para lá da exposição.

O catálogo nada diz sobre o que levou Pignatelli a associar estes dois nomes. Mas presume-se que a amizade entre ambos terá sido a primeira razão, até porque é dito que «os materiais são apresentados na perspectiva de dois jovens, oriundos de continentes distintos com uma história comum». É aliás de Jordí Burch uma das fotografias de Ondjaki mais reproduzidas pelos *media*. E o fotógrafo, que desde 2007 pertence ao colectivo Kameraphoto e que, aparentemente, foi trocando o fotojornalismo - produzido para órgãos de imprensa como a Grande Reportagem, Pública, Expresso, Visão, Egoísta, National Geographic, Cou-



rier International, Playboy Russa e Folha de São Paulo - por projectos de autor, tem uma larga experiência de 'estrada'.

(3) havia fumo em redor do que havia para ser dito

não pela minha boca mas pelo bramido quieto de qualquer homem.

Ondjaki

«Partindo da ideia do universalismo do conceito de 'amizade' e 'viagem', dois artistas, um escritor e um fotógrafo, um português e um angolano, propõem-se passar sete noites e um dia atravessando algumas províncias angolanas. Em busca de materiais visuais, humanos e de escrita», afirma-se num texto introdutório do catálogo, pelo qual ficamos também a saber que os dois criadores «de espírito aberto e câmara 'atenta'», saindo de Luanda, passaram pelo Bengo, Kwanza Sul, Huambo, Huila, Namibe e Benguela. «É destas paisagens, sentidos e rostos de uma Angola em paz, que resultou o trabalho conjunto entre imagem e fotografia - como reflexo humano dos ecos de uma viagem», sublinha-se ainda.

«As fotografias 'de Portugal' encontram-se assim com os textos 'de Angola', fazendo dos rostos e das paisagens 'uma estrada com dois olhares'. Ou mais.»

\*Fotos de Jordí Burch



IC INSTITUTO CAMÕES PORTUGAL

Instituto Camões

Rua Rodrigues Sampaio, 113  
1150-279 Lisboa

TEL. 351+213 109 100  
FAX. 351+213 143 987

www.instituto-camoes.pt  
jlenkarte@instituto-camoes.pt

PRESIDENTE Ana Paula Laborinho  
COORDENAÇÃO Mário Filipe  
COLABORAÇÃO Carlos Lobato;  
Ricardo Neves